

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasil Class.: 66 XDR
 Data: 08/11/86 Pg.: _____



Recife — Foto de Natanael Guedes

Documento de 1822 é, para os índios de sete nações, a garantia da terra

Índios ocupam a Funai em Recife para exigir posto

Recife — Vinte e três índios representantes de sete nações indígenas do Nordeste invadiram, ontem pela manhã, a sede da 3ª Superintendência Regional da Funai (Fundação Nacional do Índio) em Recife, para exigir a instalação de um posto indígena na Mata da Cafurna, uma área de 117 hectares onde residem os índios xucuru-kariri, a cinco quilômetros da cidade de Palmeira dos Índios, em Alagoas, e que adquire 3 mil hectares de terra na circunvizinhança desta mata, para que eles trabalhem na agricultura. Apesar de estarem visivelmente irritados, eles entraram no escritório da Funai sem violências, mas só se retiraram quando conseguiram uma reunião com dirigentes da Fundação em Pernambuco.

Na quarta-feira, os índios retornarão à Funai para uma nova reunião com o superintendente Lucas Cardoso, que está em Brasília. Na reunião de ontem, eles disseram que tinham urgência em que a Funai adquirisse a terra, pois estão passando necessidade. "Quando queremos plantar, temos que arrendar a terra de agricultores da vizinhança", disse José Augusto da Silva, 22 anos, um dos invasores. O chefe da Divisão Fundiária, Maurílio Costa Pereira, afirmou que o pleito deverá ser encaminhado a Brasília, mas que se for possível adquirir a terra, não poderá ser em caráter imediato, como exigem os índios. Quanto ao posto indígena, para assistência social e de saúde, ele afirmou que era praticamente impossível de ser instalado, pois na área já existe um, cujo raio de ação atinge a Mata da Cafurna.

Desentendimentos

Os índios que querem apoio da Funai residem há um ano na Mata da Cafurna e são dissidentes da nação xucuru-kariri, embora ainda usem o nome como referência. O chefe dos dissidentes, Antonio Celestino da Silva, 49 anos, desentendeu-se com seu irmão, o cacique Manoel Celestino, e saiu da fazenda Canto, de 276 hectares, onde vive toda a tribo, em terra vizinha, e se instalou na mata com alguns seguidores.

A partir de então, eles não mais puderam plantar, pois a mata virgem é o lugar onde eles realizam o *ouricuri*, um culto religioso para alcançar a salvação e para que o seu povo continue sempre existindo. Quando querem plantar, arrendam terras de proprietários rurais. Na semana passa-

da, eles resolveram invadir as terras de Everaldo Garrota, um latifundiário alagoano, e terminaram sendo expulsos por capangas. Então, resolveram recorrer à Funai.

A Superintendência Regional atende aos estados nordestinos (exceto Maranhão e Rio Grande do Norte), além de Minas Gerais e Espírito Santo, onde residem cerca de 40 mil índios.

No caso dos índios xucuru-kariri, há um posto indígena que atende na fazenda Canto, mas depois dos desentendimentos com o irmão, Antonio Celestino, com seus seguidores, não quer mais se beneficiar de sua assistência. A Funai acha que se instalar outro posto está oficializando a desagregação da comunidade.

A terra

Os índios dissidentes estão querendo os 3 mil hectares de terra, alegando que a área lhes pertence e que foi tomada por posseiros ao longo dos anos. Eles se baseiam em um alvará que teria sido doado pelo imperador Pedro I, em 1822, concedendo 36 mil hectares de terra à nação xucuru-kariri. A Funai confirma a história, mas alega que a área é "imemorial" (não há registro, por ser muito antiga).

Segundo um documento de 1979, os índios também aceitaram ficar apenas com a fazenda Canto, de 276 hectares, e mais 1 mil 400 tarefas de terras, que correspondem aos 117 hectares da Mata da Cafurna. O documento diz: "Reafirmamos não pretender a légua total a que temos direito, mas apenas um enclave devoluto que está localizado na área", e que é exatamente a Mata da Cafurna. O documento foi assinado também por Antonio Celestino.

— Nós fomos enganados. O documento foi proposto pelo ministro do Interior, Mário Andreazza, e nós pensávamos que ele ia era beneficiar, mas terminou foi tirando nossa terra, que agora tem outros donos — disse Antonio Celestino. Segundo ele, quem elaborou o documento foi Ismael Pereira, um advogado do posto da Funai. A direção da Fundação em Recife disse que o advogado não mais trabalha para o posto indígena e que está fora do seu quadro de funcionários. Os índios que acompanharam os xucuru-kariri na invasão da Funai são da nação kariri-xocó (Alagoas), xocó (Sergipe), capinauí (Pernambuco), paracuru (PE), Kariri, Kaibé e Pancaré (Bahia).